



19:04

10 de Cheshvan 5769
” חשוון תשס”ט
7 de novembro 2008

לך-לך

Lech Lechá

Vai-te



20:00

QUE DEUS NOS PROTEJA

A primeira bênção da Grande Oração (Amidá) encerra-se com as palavras “Abençoado seja o Eterno, protetor de *Abraão*”. Abraão, o primeiro dos patriarcas, por diversas vezes ao longo de sua vida, foi salvo de forma milagrosa pelo Criador. Já na sua infância, quando o rei *Nimrod* tentou matá-lo, até o episódio que era contado nesta *parashá*. Deus esteve ao lado do patriarca, demonstrando-lhe uma providência especial. Por isto, fechamos esta bênção referindo-nos justamente ao Protetor de *Avraham*.

Em certo momento, o patriarca saiu de sua casa para resgatar seu sobrinho *Lot*, que havia sido capturado no decorrer de uma guerra com todos os grandes reinados daquela época. O tio e seus companheiros intervieram na batalha e, novamente, de forma “sobrenatural”, conseguiram resgatar *Lot* do cativeir, bem como os habitantes de *Sodoma* e todos os seus pertences.

Ao voltar desta batalha, *Avraham* passou pela cidade de *Shalem*, que no futuro viria a ser *Jerusalém*. Lá teve um importante encontro com *Malki Tzedek*, o rei da cidade. Segundo os sábios, ele era *Shem* (Sem), um dos filhos de *Noé* que sobrevivera ao dilúvio. O rei saudou e abençoou *Avraham* com as seguintes palavras: “Bendito seja *Abrão* pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra; E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos.” (Gen cap. XIV, v. 18-19)

Este encontro era emblemático, pois *Malki Tzedek*, ou *Shem*, representava naqueles dias o que havia de mais sagrado na terra. Ele conhecera a geração anterior ao dilúvio e sobrevivera ao cataclisma. Também era o escolhido por Deus para dar continuidade ao legado espiritual introduzido no mundo desde a criação do homem, de geração em geração até o seu pai. As pessoas de então o procuravam para sanar dúvidas espirituais e estudar com o sábio ancião. Segundo contam, *Rebeca* o procurou para saber a natureza dos gêmeos em seu útero e *Jacó*, ao fugir de seu irmão, permaneceu alguns anos estudando com ele. *Avraham*, por sua vez, representava um novo legado, o precursor do novo povo, o pregador de uma nova crença monoteísta para um mundo totalmente idólatra. Nesse encontro na cidade que, futuramente, seria a capital do povo de *Israel*. Houve uma falha. *Shem*, ao se impressionar com a figura do patriarca, enalteceu primeiro *Abraão* e, somente depois, enalteceu a Deus, dizendo: “Bendito seja *Avraham...*”, “bendito seja o Deus altíssimo.”

Nossos sábios consideraram este procedimentouma falha grave e, devido a ela, seus descendentes não puderam mais ser sacerdotes. Estes viriam a descender somente dos filhos de *Avraham*. (Tratado *Nedarim* fol. 32b)

Nos podemos nos perguntar o que levava *Shem* a um erro tão básico e banal e por que tão severa punição.

Para compreender o que se passara com *Shem* é fundamental entendermos a figura de *Avraham*. Ele é considerado o pai do monoteísmo, embora vários personagens anteriores a ele também tenham reconhecido um Deus único, inclusive o próprio *Shem*, seu pai e todos os sobreviventes de sua família. A diferença é que o patriarca tomou para si a tarefa e a disposição de propagar o monoteísmo e sua filosofia. De fato, durante toda sua vida, *Abraão* passou por dificuldades

tentando mudar os conceitos das pessoas que o rodeavam, brigou com seu pai, com seus irmãos; afastou-se da família e de sua cidade natal; e, finalmente, obteve sucesso. *Avraham* e sua esposa haviam recrutado e convencido um vasto rebanho de discípulos e estes, por sua vez, também ajudavam-na na propagação da fé monoteísta. Quando *Shem* encontrou-se frente a frente com *Avraham*, não conseguiu controlar sua admiração. Estava diante do maior seguidor do Criador de todos os tempos. Aquele era o homem cujos passos haviam sido guiados por Deus. Ele vencera e se livrava milagrosamente de perigos, reunia multidões, propagava o monoteísmo e agora acabara de vencer a mais impossível das guerras, salvando uma cidade inteira e seus pertences. Era realmente um iluminado! O espanto de estar perante aquele homem fez com que *Shem* primeiro o enaltecesse e somente depois enaltecesse a Deus.

Mesmo tendo boa intenção, o erro do rei fora grave, pois em sua atitude estava implícita a admiração por um ser humano, esquecendo-se, mesmo que de forma inconsciente, que aquele sucesso advinha única e exclusivamente de Deus. O perigo de confundir *Avraham* com um deus seria desastroso, principalmente naqueles tempos em que a idolatria “reinava” no mundo.

O fato de os descendentes de *Shem* não poderem mais ser sacerdotes deve-se a serem eles os responsáveis por fazer a conexão entre o povo e Deus por meio do serviço espiritual. O deslize de *Shem* tornou sua descendência inapta para esta tarefa, pois poderiam conter ainda algo da filosofia de seu patriarca o que os levaria a cometer o mesmo tipo de erro.

O judaísmo é muito cuidadoso no que diz respeito às leis de idolatria e no perigo de transformar um ser humano em divindade. É-nos proibido possuir estátuas humanas, rezar perante fotos de pessoas e até mesmo rezar perante um espelho de frente a nossa própria imagem. Quando visitamos os túmulos de nossos antepassados ou de antigos “justos” (*Tzadikim*) e lá proferimos preces, nossos sábios advertem com toda ênfase que não se deve rezar para o falecido, mas somente ao Criador. Apenas pedimos ao justo que intervenha a nosso favor perante o Todo Poderoso. (*Mishná Berurá*, cap. 571, par. 4)

Seria este também o motivo da ocultação do túmulo de Moisés. A peregrinação para lá e os insistentes pedidos à beira de sua lápide, poderiam causar no povo a idéia errônea de que as rezas e os pedidos deveriam ser feitos àquele que lá jazia e também seriam por ele atendidos.

O perigo de endeusar um humano não era exclusividade daqueles tempos. Vivemos em épocas de tamanho materialismo que até mesmo os mais crentes tentam corporificar a religião. É crescente a procura por amuletos, talismãs ou qualquer coisa que represente uma fé palpável. Entretanto, o maior perigo começa no momento em que seres humanos são enaltecidos no lugar do Criador. Quando se atribui forças “sobrenaturais” àquela ou a outra pessoa, esquecendo-se que tais forças são dádivas divinas, chegamos à idolatria.

Segundo o Talmud, *Avraham* foi taxativo ao perceber o erro que se desenrolava e não permitiu sua continuação. Ele calou o rei questionando: “Desde quando a benção do servo antecede a benção do seu senhor?” (*Tratado Nedarim* fol. 32b)

Shem cometeu um engano tênue, porém, se levado adiante, poderia ter causado um desvio na filosofia monoteísta. Entretanto, Deus, que sempre protegeu *Avraham*, não o desamparou também desta vez. Deu clarividência ao patriarca para que não permitisse que fizessem dele mais um deus e, desta forma, transmitiu-nos a importante lição de que judeus devem louvar um Deus único, jamais humanos.

שבת שלום